

O TERCEIRO OUVIDO – NIETZSCHE E O ENIGMA DA LINGUAGEM

Alfredo Naffah Neto*

O mundo na medida do homem

O que é (...) a verdade? Uma multidão movente de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, em resumo, um conjunto de relações humanas poeticamente e retoricamente erigidas, transpostas, enfeitadas, e que depois de um longo uso, parecem a um povo firmes, canônicas e constringedoras: as verdades são ilusões que nós esquecemos que o são...¹

O homem, ao procurar dominar a natureza e se comunicar com seus semelhantes, utiliza *conceitos* como *signos de reconhecimento*², mas esquece, em seguida, que ao fazer isso traduz deveres singulares por generalidades abstratas. A vantagem é que aquilo que acontece e se produz de forma única, inexprimível, que nem sequer é idênticamente, mas *devem* diferencialmente, torna-se nominável, designável, reconhecível, podendo ser objeto de comunicação e de manipulação de diferentes tipos. O inapreensível é capturado num signo que o paralisa, recorta e aprisiona: doravante quando alguém disser “folha” todos saberão do que se trata. Mas saberão, mesmo? “Tão exatamente como uma folha nunca é idêntica a outra, assim também o conceito de folha foi formado graças ao abandono deliberado dessas diferenças individuais, graças ao esquecimento das características...”³ O conceito constrói, pois, um *esqueleto de mundo correlativo aos usos humanos*; e essa construção envolve um *esquecimento necessário das diferenças, das singularidades, dos estados de perene*

*Psicoterapeuta, professor do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Mestrado em filosofia pela USP e doutorado em psicologia clínica pela PUC-SP. Possui vários livros publicados, sendo os três últimos: *Paixões e questões de um terapeuta* (ed. Ágora, 1989), *O inconsciente como potência subversiva* (ed. Escuta, 1992) e *A psicoterapia em busca de Dioniso – Nietzsche visita Freud* (ed. Escuta - no prelo).

transmutação imanentes a tudo que está aí, rumo às identidades estáveis, passíveis de comunicação e manipulação.

Não há nada, pois, a se esperar desse uso da linguagem a não ser aquilo a que se propõe: tornar o inapreensível, o fugidio, designável e reconhecível, fundar a comunicação e o domínio da natureza segundo *critérios utilitários* de sobrevivência da espécie humana. O contra-senso, que daí se segue, provém, segundo Nietzsche, da expectativa de que esse instrumental simbólico, descartado, utilitariamente construído por sobre o *esquecimento da profusão de singularidades que é o mundo*, possa ainda guardar qualquer *relação interna* com o seu ser. A *vontade de verdade* nasce desta ilusão e vai, então, servir de ancoreadoiro à filosofia e às ciências.

Transpondo essas colocações para o nosso universo psicoterapêutico – na maior parte das vezes eminentemente verbal – é possível constatar o quanto nós, terapeutas, somos também assolados por essa ilusão. Ouvir um paciente dizendo “meu pai”, “minha mãe” ou “meu filho” seguidos de uma afirmação qualquer nos dá, grande parte das vezes, a ilusão de que *sabemos* do que ele fala. Ou, se não sabemos ainda, saberemos em algum momento, enquanto há a expectativa e a vontade de verdade. A maior parte das perspectivas terapêuticas – uma boa parcela da psicanálise aí compreendida – resvala e rodopia nessa busca, ainda que muitas vezes a disfarce sob o termo “verdade inconsciente”. Pois a crítica nietzschiana aplica-se tanto aos apologistas da “verdade consciente” quanto aos da “verdade inconsciente”. Pressupor que a verdade emergirá através da linguagem consciente ou através de algum significante recalcado que, através de uma série de malabarismos técnicos ganhará palavra e voz no momento oportuno, dá no mesmo: apenas se adia e se transmuta o lugar da verdade. A ilusão permanece.⁴

Questionar a vontade de verdade significa ir além disso, ou seja, perceber que onde quer que se esteja “descobrimo” verdades, está-se apenas reafirmando uma forma de *poder* garantida pela hegemonia de um *código*; e saber as conseqüências disso. Num âmbito terapêutico, não penso que esse exercício produza efeitos diferentes do que uma reafirmação narcísica do poder do terapeuta e do seu referencial teórico, reencontrando no “real” aquilo mesmo que lá foi projetado. Como dizia Nietzsche “... supondo que projetamos certos valores nas coisas, em seguida esses valores *re-agem* sobre nós, assim que tivermos esquecido que fomos seus autores”⁵. Tautologia. Alienação.

A outra saída é tentar reverter todo esse platonismo e buscar um outro uso da linguagem, que escape ao domínio da *representação*⁶.

Arco-fris que iludem a solidão

É acompanhando Zaratrusta convalescente, na conversa com seus animais, que podemos, quiçá, encontrar apontamentos para uma função da linguagem que opere num âmbito para além da representação:

Ah meus animais (...), continuem tagarelando: onde se tagarela, aí o mundo de estende diante de mim como um jardim. Que agradável é que existam palavras e sons: palavras e sons não são, por acaso, arco-fris e pontes ilusórias estendidas entre o eternamente separado? A cada alma pertence um mundo distinto; para cada alma qualquer outra alma é um ultra-mundo. (...) Como poderia haver para mim um fora-de-mim? Não existe nenhum fora! Mas isso esquecemos tão logo vibram os sons; que agradável é esquecer isso! Não se presentearam, por acaso, as coisas com nomes e sons para que o homem nelas se reconforte? Uma formosa necessidade é falar: ao falar o homem dança sobre todas as coisas. Que agradáveis são todo falar e todas as mentiras dos sons! Nosso amor dança com sons sobre arco-fris multicoloridos⁷.

Não é por mero acaso que na linguagem-em-ato: a *fala* vamos encontrar uma possibilidade de ultrapassar a sua dimensão representativa na direção de uma função basicamente *afetiva*. Afinal, os afetos se formam nas relações vivas entre os homens e é aí, talvez, que a língua pode servir para iludir, dissimular uma solidão insuportável.

“Não existe nenhum fora!” A afirmação talvez possa espantar os leitores pouco familiarizados com Nietzsche. Mas, então, a proposta é de um solipsismo total? Não é bem esse o caso; não existe nenhum fora porque:

... o mundo que nos diz respeito é somente aparência, não é real. (...) O conceito ‘real, verdadeiramente existente’ nós o tiramos primeiramente desse ‘nos dizer respeito’; quanto mais somos tocados em nossos interesses, mais acreditamos na ‘realidade’ de uma coisa ou de um ser. ‘Isso existe’ significa: eu me sinto existindo no contato com isso⁸.

Por outro lado não há outro mundo “real”, “objetivo”, além desse que nos afeta e nos dá sinal de sua presença: “Não há acontecimento em si. O que acontece é um conjunto de fenômenos, escolhidos e reunidos por um ser interpretante”⁹. Ou seja, é a interpretação que articula e dá forma ao acontecimento; mas ela é obra das nossas necessidades, dos nossos instintos, portanto de *forças interpretantes*. Haveria solipsismo se essa interpretação fosse obra de *sujeitos*, fechados em si mesmos, aprisionados nas suas representações de mundo; porém

também: "... 'o sujeito' " é uma *criação* desse gênero (...): uma *simplificação* para designar, enquanto tal, a força que aloca, inventa, pensa, por oposição a toda alocação, invenção, pensamento..."¹⁰. Ou seja, não há fora, mas também não há dentro; o dentro e o fora são *criações* das forças interpretantes, que *simplificam* o acontecimento – tornando-o mais representável perante a comunidade humana – através da conhecida oposição sujeito-objeto.

Entretanto, há solidão. Quando o homem compreende, finalmente, a morte de Deus e o que ela significa: a ausência de qualquer tipo de garantias a priori para a vida, ele acaba, paradoxalmente, por "ter o mundo na mão, sem ter mais onde se segurar", como diz José Miguel Wisnik, num de seus poemas.¹¹ É frente a esse "eternamente separado" – sem garantias de qualquer permanência, de qualquer verdade – esse deserto solitário, que a língua pode funcionar como "arco-fris, multicolorido", "ponte ilusória" para que o homem possa "se reconfortar no seio das coisas". Uma "formosura mentirosa" que lhe possa devolver o amor fundamental: o *amor fati*. O ato através do qual as coisas são batizadas com nomes e sons é o mesmo que produz o esquecimento da solidão e ensina o homem a dançar com os sons por sobre os arco-fris multicoloridos, o que quer dizer: por sobre as cascatas de ruídos e reverberações esfuziantes que constituem a língua no ato da fala. Se a linguagem-representação aprisionava num mundo ideal, imaginário, a linguagem-afeto talvez possa ensinar a andar no mundo dos homens, no momento em que as últimas garantias vêm abaixo. *Redescobrir a própria potência, aprendendo a dançar a língua dos afetos*: não está aí apontada uma possível solução? De qualquer forma, as alternativas não são muitas num mundo onde não há mais onde se segurar. "Se o meu mundo cair" – aconselha o poeta – "eu que aprenda a levar" ¹². E levar/dançar sobre todas as coisas pode resumir-se num ato mágico denominado *fala*.

O terceiro ouvido e a musicalinguagem

No aforismo 246 de *Além do Bem e do Mal*¹³, Nietzsche comenta:

Que tortura são os livros escritos em alemão para aquele que possui o *terceiro* ouvido! Como se detém contrariado junto ao lento evoluir desse pântano de sons sem harmonia, de ritmos que não dançam, que entre os alemães é o amado de 'livro'? (...) Quantos alemães sabem, e de si mesmo exigem saber, que existe *arte* em cada boa frase – arte que deve ser percebida, se a frase quer ser entendida! Uma má compreensão do seu *tempo*, por exemplo: e a própria frase é mal entendida! Não ter dúvidas quanto às sílabas ritmicamente decisivas, sentir como

cal? E
para e
captar
os leg
denso
diz/ve
ta, abr
da voz
às vez
tes ou
pacien
penden
que os
E
trapas
dos af
penosa
sentati
tentaç
neço l
ritmo,
quando
uma o
sentido
respon

Notas

1. F. I.
em

intencional e como atraente a quebra de uma simetria muito rigorosa, prestar ouvidos sutis e pacientes a todo *staccato*, todo *rubato*, atinar com o sentido da seqüência de vogais e ditongos, e o modo rico e delicado como se podem colorir e variar de cor em sucessão: quem, entre os alemães que lêem livros, estaria disposto a reconhecer tais deveres e exigências, e a escutar tamanha arte e intenção na linguagem?

Quem ousaria decifrar um discurso como se decifra uma partitura musical? E aguçar o *terceiro ouvido* – que é o que apreende o *incorporal* do texto – para os sons harmônicos, os ritmos que dançam? Quantos estariam aptos a captar o seu *tempo* – no sentido musical do termo – e discriminar os *staccatos*, os *legatos*, os *rubatos*? E a variação das cores e dos matizes: os tons escuros e densos transmutando-se em clareza flutuante, capaz de levitar nos limites do dizível? E conseguir discriminar um *tremolo*, lá onde o som reverbera e se agita, abrindo passagem a um afeto sem lugar? E as diferentes mudanças de timbre da voz humana, anunciando ora uma dor camuflada, ora uma alegria contida e, às vezes, devastando espaços afetivos através de suspiros rítmicos, lacrimejantes ou explosões exuberantes, ensolaradas, de prazer? E quem ousaria, sutil e pacientemente, deixar-se afetar por essa multiplicidade metamorfoseante, suspendendo a interpretação precipitada, esperando que o corpo ecoe e responda e que os afetos emergentes dêem forma ao sentido que brota e ilumina?

Esse é, a meu ver, o grande desafio de todo psicoterapeuta que queira ultrapassar o uso representativo da linguagem e abrir-se à dança multicolorida dos afetos, usando a escuta e a fala como canais para a sua pulsação. Tarefa penosa, árdua, dado que o nosso hábito é tecido as malhas da linguagem representativa. Às vezes, no meio de uma sessão, quando me percebo seduzido pela tentação desse hábito, suspendo todo o conteúdo da fala do paciente e permaneço longos minutos escutando apenas a música do discurso: sua melodia, seu ritmo, seu timbre e todas as mudanças e flutuações que se seguem. Geralmente, quando volto às palavras tenho um novo ângulo de visão, deixei-me afetar de uma outra forma, posso – através da minha fala – criar passagem para um novo sentido, uma nova interpretação. Caberia chamar, aí, esse sutil canal, vibrátil e respons'hável, de *segunda garganta*?

Notas

1. F. Nietzsche, Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral, em *O livro do filósofo*, Porto, ed. Rés, p. 94.

2. Nietzsche diz: "Os conceitos são (...) signos de reconhecimento. Não encontramos af nenhuma intenção lógica; o pensamento lógico é uma decomposição" (Fragmento póstumo 1 [50], outono de 1885 - primavera de 1886, *Oeuvres philosophiques complètes*, Paris, Gallimard, 1978; v. XII, p. 32).
3. F. Nietzsche, Introdução teórica sobre a verdade..., loc. cit., p. 93, meus grifos.
4. Não basta descrever a "verdade inconsciente" como metáfora (ou metonímia), se ela continua a ser buscada, no processo terapêutico, como o grande ato doador de sentido, revelador daquilo que é. Neste caso, qualquer convergência com a descrição nietzschiana é apenas aparente.
5. F. Nietzsche, Fragmento póstumo 5 [19], verão de 1886 - outono de 1887, *Oeuvres philosophiques complètes*, loc. cit., vol. XII, p. 193.
6. Nietzsche faz referência ao platonismo como originário dessa ilusão, decorrente da formação de conceitos, e que "... acorda, então, a representação, como se houvesse na natureza, fora das folhas, alguma coisa que fosse 'a coisa', uma espécie de forma original segundo a qual todas as folhas seriam tecidas, desenhadas, rodeadas, coloridas, onduladas, pintadas..." (Cf. F. Nietzsche, Introdução teórica sobre a verdade..., loc. cit.; p. 93). Uma forma original deste tipo define, certamente, a *Idéia platônica*, modelo primeiro do qual os entes empíricos são todos concebidos como cópias, representações (etimologicamente: re-apresentações) mais ou menos fiéis.
7. F. Nietzsche, *Asi habló Zarathustra*, tradução de Andrés Sánchez Pascual, Alianza ed., Madrid, 1981, "O convaléscente", § 2, p. 299.
8. F. Nietzsche, Fragmento póstumo 5[19], verão de 1886 - outono de 1887, *Oeuvres philosophiques complètes*, loc. cit., p. 193.
9. F. Nietzsche, Fragmento póstumo 1[115], outono de 1885 - primavera de 1886, *Oeuvres philosophiques complètes*, loc. cit., p. 47.
10. F. Nietzsche, Fragmento póstumo 2[152], outono de 1885 - outono de 1886, *Oeuvres philosophiques complètes*, loc. cit., v. XII, p. 142, meus grifos.
11. J. M. Wisnik, Se meu mundo cair, encarte do CD José Miguel Wisnik, Camerati, 1993.
12. Idem.
13. F. Nietzsche, *Além do Bem e do Mal*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 155.

A
 não re
 Escuto
 emaran
 mim, c
 alegria
 apenas
 não fo
 que se
 constru
 a inten
 cem: a
 Ou me
 mútua

Eu
 com a
 de Mer
 Ponty
 ras obr

* Psicólogo
 quinas da
 autor, com
 ta) e autor
 (ed. Escuto